

**“Por amor, permanecemos  
no amor e na alegria”**



**” Escolhi-vos e destinei-vos a dar fruto!”**

**Jo 15, 16**

Caderno de Oração Verbum Dei

Verão 2010

# Caderno de Oração

Verão 2010

## ÍNDICE

Finalmente de Férias!	1
<b>1ª Parte – Os frutos da nossa vida</b>	<b>7</b>
“Eu escolhi-vos e destinei-vos a dar frutos”	9
* “Eu e ... o mundo”	
* O mundo sagrado em que vivemos	17
* A obra criada para mim	21
* “Eu e ... os outros”	
* Eu, os outros e não só	25
* “E quem é o meu próximo?”	29
* “Eu e ... o meu mundo”	
* Só temos uma vida	35
* “Vós sois o sal da terra e a luz do mundo”	40
<b>2ª Parte – A visita de Bento XVI a Portugal</b>	<b>45</b>
“Contigo caminhamos na esperança, sabedoria e missão”	47
“Eu estou sempre convosco”	49
Homilia no Terreiro do Paço	53
Homilia em Fátima	57
Homilia na Avenida dos Aliados	61
Bento XVI fala da sua própria visita a Portugal	65

## Finalmente de Férias!

Finalmente chegámos ao Verão!

Quem é que não está mortinho por ir de férias? Quem é que não se tem queixado de andar cansado e a precisar de parar?

Na lufa-lufa do dia-a-dia, penso que todos sentimos necessidade de descansar: de nos deitarmos na praia, de nos sentarmos numa sombra ao ar livre, de ler um livro, de não termos tantas responsabilidades, no fundo de não fazer nada ou pelo menos não fazer tantas coisas...

E se Verão pode ser sinónimo de “dolce far niente”, sinto que no meio da preguiça e descontração, o Verão pode ser também um momento excelente para nos encontrarmos connosco próprios e com o essencial. E não penso somente naqueles que fazem um retiro de Verão, penso também naqueles que vão estar pura e simplesmente a relaxar.

Hoje em dia as nossas vidas diárias são feitas de estímulos, de exigências e com muito pouco espaço para a reflexão.

Aqueles que gostam de rezar e encontrar-se com Deus vêm-se aflitos para arranjar tempo e disponibilidade interior para se encontrarem em silêncio com o Senhor.

São muitas actividades porque, se por um lado a tecnologia é fantástica e nos permite ter mais tempo para coisas que os nossos avós nem sonhavam (máquinas, computadores, tudo on-line e à distância de um clique, telemóveis, serviços porta a porta, etc), por outro lado são cada vez mais as solicitações e por isso, apesar de termos a vida facilitada, o tempo fica sempre mais curto..

Mesmo o tempo que passamos em frente da TV e em que supostamente não estamos a fazer nada, somos invadidos de informação, de estímulos através da publicidade e a nossa cabeça não pára...

Ultimamente sinto uma enorme necessidade em me concentrar no essencial e não divagar muito nem fazer grandes filmes. Não me preocupar com coisas que nunca chegarão a acontecer, não cobrar o que os outros não serão nunca capazes de dar, não refilar quando a vida é tudo menos uma aquisição garantida e puxar pelo sentido de humor mesmo quando a situação está preta ...

Muito palavreado “mundano” e pouco Espírito Santo nestas últimas frases?

Pois é exactamente por andar a descobrir ultimamente que o Espírito Santo é muitíssimo mais descontraído e alegre do que eu penso, que escrevo estas ideias na introdução ao caderno.

Ajudou-me rezar as pistas do P. Vítor Gonçalves (que abaixo incluo), um homem tão alegre, bem disposto e ao mesmo tempo profundo. A propósito da Santíssima Trindade e do courato, pôs-me a rir e fez-me querer permanecer em frente ao sacrário sem grandes iluminações mas antes numa atitude de forte vontade em simplesmente estar com Deus.

A vida em si mesma já é suficientemente complicada para que a compliquemos ainda mais e nada melhor do que o Verão, os dias quentes e compridos, a vontade de ficar acordado até tarde, de ir sair com a família e amigos, para reflectirmos como anda a nossa vida!

Tenho dado frutos? Seguramente que sim, mas que tipo de frutos? De alegria, de paz, de entrega, de generosidade, de humildade, de simplicidade, ...?

Em que contextos me tenho esforçado mais?

Que rumo gostaria que a minha vida tivesse a partir de onde estou e nunca me esquecendo daquilo que tenho a sorte de ser?

É bom saborear o Verão e deixar o cérebro entrar em hibernação mas se aproveitarmos a brisa do final de um dia quente, fecharmos os olhos e pensarmos sobre a nossa vida, por onde temos andado, de certeza que saboreamos melhor as férias!

Finalmente, e porque a visita do Papa a Portugal nos tocou a todos (ainda que de uma forma diferente daquela que esperávamos), no final do caderno fazemos uma compilação de textos e ideias que gostaríamos de guardar como recordação.

A todos desejamos umas excelentes férias e um mais do que merecido descanso!

A equipa do Caderno de Oração



## “Tu és Três, nós somos três”

Quem nunca se viu aflito para explicar a uma criança, ou a um adulto, que Deus é um só em três Pessoas? A criança ainda encontraria alguma lógica com as palavras que conhece: “o Pai, o Filho e...a mãe”! O certo é que sentimos a dificuldade de explicar o mistério (não deixaria de o ser se fosse explicado?) e utilizamos comparações e analogias como a do braço humano: o Pai como o braço (origem da força), o Filho como a mão (que modela), o Espírito Santo como o dedo indicador (que aperfeiçoa). Ou então na “metáfora popular” do padre de aldeia que comparava o mistério da Santíssima Trindade com “um presunto”: “O Pai é como se fosse o osso; o Filho, a carne; e o Espírito, o toucinho!” Mas toda a comparação tem a sua falha e alguém contrapôs: “Ó Senhor prior, então, e o courato?” Ao que o bom do prior respondeu rapidamente: “Aí é que está o mistério!”

O título desta crónica provém de um delicioso conto russo que me convida sempre à simplicidade quando penso na comunhão de Pessoas que Deus é. Conta-se que um bispo de uma remota região da Rússia, cuja diocese se compunha de numerosas ilhas, fazia a sua primeira visita pastoral de barco, conhecendo os seus diocesanos tão isolados. Numa ilha encontrou três anciãos que o receberam e aos seus companheiros com muita simplicidade e alegria. A memória deles parecia ter-se gasto com o tempo: não sabiam que idades tinham, nem donde tinham vindo, mas, com muita alegria para o Bispo, acreditavam profundamente em Deus. Sabiam apenas uma oração mas repetiam-na constantemente: “Tu és três, nós somos três. Louvado sejas por tudo!” Do resto, doutrina, orações, jejuns e abstinências, nada! O bom do Bispo entendeu então que devia gastar ali alguns dias, para lhes ensinar os fundamentos da fé cristã, os mandamentos, o acto de contrição e o Pai-Nosso. Assim o fez, com muito agrado dos anciãos, que procuraram aprender o melhor possível. Quando achou estar bem feita a sua evangelização, o bispo despediu-se, muito contente consigo mesmo. Três dias depois, numa zona de mar despovoada de ilhas, a tripulação foi sobressaltada por três vultos que, na linha do horizonte, se dirigiam para o barco, correndo sobre as águas! Eram os anciãos. Quando subiram para o barco, ajoelharam diante do Bispo, e pediram que lhes ensinasse de novo aquela linda oração do Pai-Nosso. Tinham-se esquecido das palavras e, há três dias, que não conseguiam rezar nada. Então, o Bispo entendeu. E com os olhos cheios de lágrimas, abraçando-os, disse-lhes: “Meus queridos irmãos, quando quiserem rezar, digam: “Tu és Três, nós somos três. Louvado sejas por tudo!”

Como entender que Deus é Trindade, se não procuramos viver da sua comunhão? Como professar a fé se ela não for, fundamentalmente, amor? Em tudo, e com Deus também, não se conhece bem sem querer amar, não é?

À Procura da Palavra, P. Vítor Gonçalves  
Santíssima Trindade Ano C



# **1ª Parte**

## **Os frutos da nossa vida**

## "Eu escolhi-vos e destinei-vos a dar frutos"

É com um enorme orgulho que introduzi a frase "*Eu escolhi-vos e destinei-vos a dar frutos*" no Google (à procura de um texto que servisse de apoio e inspiração a esta introdução) e a 3ª opção que surgiu foram as pistas do nosso site de 11 de Fevereiro!

Que milagre é a Internet e que alegria a Verbum Dei ser uma Fraternidade tão aberta às novas tecnologias a ponto de acedermos tão facilmente a pistas que nos ajudem a rezar onde quer que estejamos!

É ou não um excelente exemplo de abertura ao Espírito Santo nos dias que correm?

O lema deste ano foi "*Eu escolhi-vos e destinei-vos a dar frutos*" Jo 15, 16.

É uma frase pouco "friendly" para ambientes pagãos mas num mundo cada vez mais hostil para Deus, reflectir sobre as consequências das nossas escolhas e opções não é beatice, é sinónimo de sabedoria e por isso um enorme privilégio.

"Difícil não é viver mas sim saber viver" e "passar pela vida sem nunca a ter vivido" é a coisa mais fácil que nos pode acontecer.

Fazer um esforço para irmos amadurecendo, crescendo interiormente e melhorando nos mais diversos aspectos da nossa vida, à luz do maior e melhor exemplo de amor que é Jesus, ... é para poucos, não porque seja algo a que só uma elite de pessoas possa aceder, mas sim porque é um processo exigente, que pede vontade de mudar, tempo, dedicação e disponibilidade para nos vermos livres de entraves, hábitos, teimosices, comodidades, etc.

Nesta 1ª Parte do caderno quisemos, por isso, incidir sobre os frutos que permanecem nas diversas dimensões da nossa vida:

- Eu e... "o mundo" - preocupação com as alterações climáticas; conservação da natureza,... - como é que atitudes concretas podem contribuir para cuidar do que é nosso e nos foi confiado por Deus, tendo em consideração que as minhas atitudes têm consequências para a Humanidade presente e futura.
- Eu e... "os outros" - de que forma as opções que fazemos (profissionais, familiares,...) contribuem para a construção da "civilização do amor" e para uma vivência mais fraterna?
- Eu e... "o meu mundo" - como é que eu me construo para permanecer? Acreditar que a minha transformação e crescimento pessoal potenciam a transformação da sociedade e de tudo o que me envolve.

Tudo o que fazemos, desde o mais pequeno gesto como reciclar o pacote de leite ou deixar passar à frente a pessoa que está atrás de nós na fila do supermercado até ao maior feito como adoptar uma criança, tem repercussões na nossa vida e na vida dos outros.

Deixemo-nos, por isso, inspirar pelo Espírito Santo e descobrir que portas e janelas ainda estão por abrir na nossa vida por forma a que a brisa do Senhor entre em nossa casa e nos leve a contribuir para um mundo melhor!





## “Há, pois, muitos membros, mas um só corpo”

**"Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo; há diversos modos de agir, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito, para proveito comum. (...) Tudo isto, porém, o realiza o único e o mesmo Espírito, distribuindo a cada um, conforme lhe apraz. Pois, como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo. (...) O corpo não é composto de um só membro, mas de muitos. (...) Deus, porém, dispôs os membros no corpo, cada um conforme lhe pareceu melhor. (...) Há, pois, muitos membros, mas um só corpo. Não pode o olho dizer à mão: «Não tenho necessidade de ti», nem tão pouco a cabeça dizer aos pés: «Não tenho necessidade de vós.» (...) Assim, se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria. Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro."**

1.ª Cor 12, 4-27

**"Escolhi-vos e destinei-vos a dar fruto"**

Jo 15, 16

---

Só Tu, Senhor, conheces o todo. Só Tu, Senhor, tens uma visão global do mundo e da vida. Por mais aberta que esteja ou seja nunca conseguirei conhecer o todo, abarcar o todo.

Sei que podemos viver fechados sobre nós mesmos, virados para o nosso umbigo. E que assim é muito difícil que Tu nos “destines” a algo. Porque não Te queremos ouvir. Porque sabemos muito bem o que queremos e aquilo que precisamos para viver e para sermos felizes. Porque somos livres e independentes.

Mas, Senhor, que liberdade é esta? Há maior liberdade do que a de ser aquilo que realmente somos, que de verdade somos? E isso só Tu nos o pode dizer! Mas também sei que, tantas vezes, ou tantos de nós, podemos viver abertos aos outros, ao mundo e a Ti. No entanto, mesmo assim, não conseguiremos abarcar o todo. Porque somos criaturas. Porque somos pequenos e limitados. Porque vivemos num tempo e num espaço concreto.

Nunca conseguiremos ter consciência da influência e das consequências dos nossos actos.

Nunca conseguiremos abarcar o Teu objectivo, o Teu sonho para a nossa vida

“Destinei” não é Destino. Somos profundamente livres para viver as nossas vidas como queremos.

Mas temos em nós as sementes de Vida e estamos feitos para essa Vida. Segui-la ou não, deixar-nos destinar ou não, depende de nós.

Temos consciência de que, todos nós, fazemos parte de um mesmo corpo?

Que não é indiferente a oração que hoje fazemos, o bater de asas de uma borboleta na China, a alegria de um pai que vê o filho sobreviver a uma doença, o choro de uma criança órfã na Somália

Nada disto é indiferente – “Há pois muitos membros, mas um só Corpo”; “Deste modo, se um membro sofre todos os membros sofrem com ele”

Só Tu, Senhor, conheces este Corpo, na Sua integralidade e totalidade. Só Tu, Senhor, conheces cada um dos Seus membros e só Tu, Senhor, sabes o seu lugar, o lugar que lhe corresponde neste Corpo. O nosso papel é, simplesmente, o de encontrar o nosso dom, o nosso lugar, que membros somos.

Isso é muito importante:

- por mim, porque é nesse lugar que serei plena, só nesse lugar, que Deus destinou para mim e para mais ninguém, que só eu posso ocupar, que não pode ser ocupado por mais ninguém (neste sentido somos mesmo únicos, irrepetíveis e insubstituíveis) encontrarei a plenitude e renderei melhor os meus dons;
- por todos, porque o Corpo só estará bem se e quando todos os seus membros estiverem bem. Todo o corpo sofre se o pulmão não sabe o que tem de fazer, todo o corpo sofre se o estômago decide deixar de trabalhar.

Temos consciência de que não há dons, não há lugares, não há membros, mais ou menos importantes?

Temos consciência de que quando queremos ser diferentes do que somos, estamos a fazer mal, a nós

mesmos e ao todo? Porque nunca vou conseguir ser aquilo que não sou – uma macieira, por mais que se esforce, nunca dará peras. Porque não estamos a dar aquilo de que o Corpo precisa de nós.

É importante que reconheçamos os nossos dons. Que saibamos aquilo de que somos capazes mas que também reconheçamos aquilo para o qual não nascemos mesmo. mas também é importante que não nos consideremos membros inferiores, sem potencialidade de vir a ser membros superiores, porque corremos o risco de não render tudo aquilo que podemos.

Jesus, Tu dizes-nos: “*Se todos fossem um só membro que seria do Corpo?*”

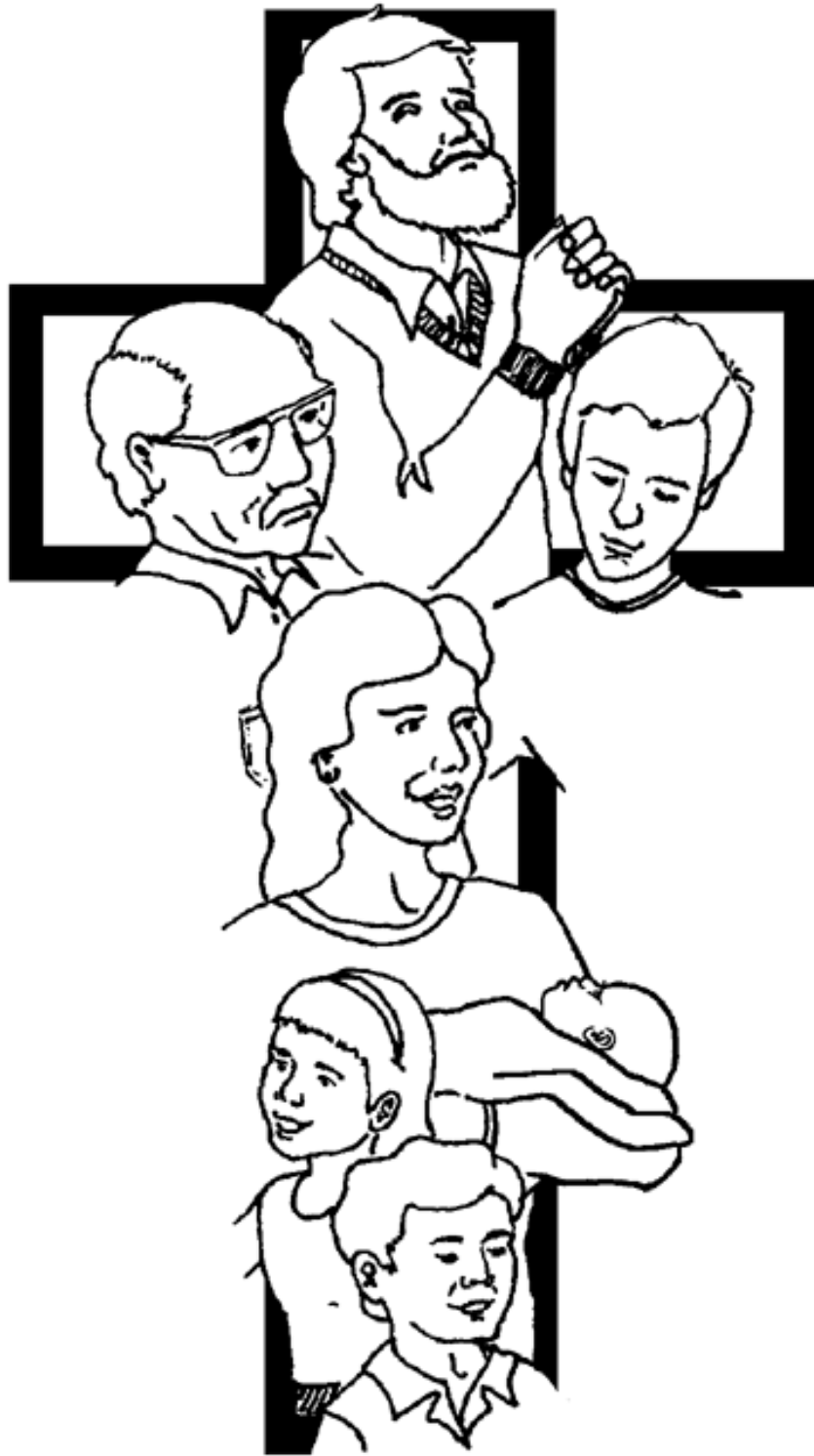
Se todos quisessem ser o coração, que seria do corpo? Se todos quisessem ser empresários de sucesso, quem faria o pão quente que me enche a barriga e me alegra a alma todas as manhãs?

E dizes-nos ainda: “*O olho não pode dizer à mão: não tenho necessidade de ti*”

Ajuda-me, Senhor, a encontrar o lugar que me "destinaste".

Ajuda-me, Senhor, a descobrir que membro sou.

Pistas de Oração do site da Verbum Dei para o dia 11 Fevereiro 2010



## “Eu e ... o mundo”

### O Mundo sagrado em que vivemos

**«O pecado de Judá está escrito com um estilete de ferro, gravado com uma ponta de diamante sobre a tábua do seu coração, e nas hastes dos seus altares.**

**A lembrá-lo aos seus filhos estão os seus altares e os símbolos da deusa Achera junto das árvores verdejantes, sobre as colinas elevadas, e no alto dos montes; entregarei à pilhagem os teus bens, os teus tesouros e os lugares altos, por causa dos pecados que cometeste em todo o país.**

**Terás que renunciar à herança que Eu te havia dado, e far-te-ei escravo dos teus inimigos numa terra que desconheces, porquanto ateaste o fogo da minha cólera, que arderá para sempre.**

**Isto diz o SENHOR: Maldito aquele que confia no homem e conta somente com a força humana, afastando o seu coração do SENHOR. Assemelha-se ao cardo do deserto; mesmo que lhe venha algum bem, não o sente, pois habita na secura do deserto, numa terra salobra, onde ninguém mora.**

**Bendito o homem que confia no SENHOR, que tem no SENHOR a sua esperança. É como a árvore plantada perto da água, a qual estende as raízes para a corrente; não teme quando vem o calor, e a sua folhagem fica sempre verdejante. Não a inquieta a seca de um ano e não deixará de dar fruto.»**

**Jeremias 17, 1-8**

---

Há duas preocupações presentes no profeta Jeremias: o afastamento do povo em relação a Deus e a ameaça que pairava sobre o povo de Israel devido às divisões políticas e crescimento da influência do império Babilónio. Segundo o seu oráculo, o povo iria sofrer, não por castigo de Deus, mas em consequência das suas acções. Seria levado cativo, confirmando-se assim a sua profecia para a Babilónia. A falta de Deus na vida do povo e a permanente deposição da sua confiança nos homens estavam na origem deste mal. Nesta leitura o profeta introduz duas metáforas: o cardo do deserto e a árvore plantada junto ao rio. O cardo do deserto é o homem que vive para si próprio, não produz fruto e mesmo que aconteça algo de bom à sua volta, ser-lhe-á indiferente. É o retrato de um lugar inóspito onde a vida é praticamente inexistente. Por oposição, existe um lugar onde

apetece estar: Água, folhagem verdejante, frescura, frutos. A natureza onde existe vida é um lugar onde habita a união entre Deus e o Homem. O lugar do pecado é o deserto. O coração do homem não pode dar frutos nesse local.

Jeremias impele-nos a olhar para a natureza como lugares sagrados. Como cristãos devemos ter sempre presente estes dois lugares que, embora metafóricos, simbolizam o lugar onde o homem se realiza e aquele onde não pode ser feliz. Se Jeremias profetizasse nos dias de hoje não teria dificuldades em encontrar metáforas ainda mais fortes. Talvez ameaçasse o povo pela sua irresponsabilidade com as alterações climáticas, as cheias e incêndios daí provenientes, os derrames de petróleo. Nessa altura dir-nos-ia: tudo isto aconteceu por causa das asneiras dos homens. De facto, começamos já a sentir os efeitos da intervenção do

homem na natureza e naturalmente que questionamos o que será o futuro, o que é que a mãe natureza nos reserva.

Numa viagem recente presenciei o culto de um povo à *Mãe Terra, Pachamama*. Entre o que mais me impressionou foi a forma como consideravam a montanha um local sagrado onde juntavam elementos da sua fé primitiva ao cristianismo, numa espécie de rumaria até ao cume. De certa forma a sua cultura acabava por ser próxima da Judaica, em que a montanha aparece associada ao contacto com Deus. Noutras religiões, como o hinduísmo, existe a crença de que alguns animais são sagrados. Por vezes perco esta consciência de olhar para a obra de Deus e ver tudo o que é bom e que deveria ser tratado como um templo de Deus. Um templo tal como é o nosso corpo (1Cor 3,16), tal como é cada um de nós. Por vezes esquecemo-nos do sagrado que habita

em nós e à nossa volta. Preocupo-me com a saúde, a minha e as dos que me estão próximos, mas por vezes assumo uma atitude passiva face ao meio que me rodeia.

Tal como a alma precisa de um corpo, o corpo precisa de um lugar onde possa viver. Por vezes diminuo o papel ou o contributo que posso ter na construção desta morada. No micro ambiente onde vivo. Será absurdo pensar em Deus quando opto por levar carro ou andar de metro? Nunca pensei desta forma, mas se de facto Deus tem uma palavra a dizer em todos os aspectos da minha vida, neste também deverá ter...

Estou atento à Obra de Deus?  
Reconheço-a no meu dia-a-dia?

Como cuido dessa Obra que me foi confiada?

Que atitudes concretas tenho para conservar o meio que me rodeia?



*Ó SENHOR, nosso Deus,  
como é admirável o teu nome em toda a terra!  
Adorarei a tua majestade, mais alta que os céus.  
Da boca das crianças e dos pequeninos  
fizeste uma fortaleza contra os teus inimigos,  
para fazer calar os adversários rebeldes.  
Quando contemplo os céus, obra das tuas mãos,  
a Lua e as estrelas que Tu criaste:  
que é o homem para te lembrares dele,  
o filho do homem para com ele te preocupares?  
Quase fizeste dele um ser divino;  
de glória e de honra o coroaste.  
Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos,  
tudo submeteste a seus pés:  
rebanhos e gado, sem exceção,  
e até mesmo os animais bravios;  
as aves do céu e os peixes do mar,  
tudo o que percorre os caminhos do oceano.  
Ó SENHOR, nosso Deus,  
como é admirável o teu nome em toda a terra!*

Salmo 8

## A Obra Criada Para Mim

***“No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas. Deus disse: «Faça-se a luz.» E a luz foi feita. (...) Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas, e todas as aves aladas, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom.***

***Deus abençoou-os, dizendo: «Crescei e multiplicai-vos e enchei as águas do mar e multipliquem-se as aves sobre a terra.»***

***Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o quinto dia. Deus disse: «Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies.» E assim aconteceu. Deus fez os animais ferozes, segundo as suas espécies, os animais domésticos, segundo as suas espécies, e todos os répteis da terra, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom.”***

**Genesis 1**

---

Há tempos enquanto navegava pela internet deparei-me com um site satânico. O que achei realmente assustador não foram as imagens mas a crença no “eu” enquanto entidade única digna de adoração. O “eu”, homem senhor do universo, rejeita qualquer interferência sobrenatural no nosso mundo. O deus Homem é o senhor absoluto de um mundo, para o criar e destruir. Por oposição, acredito que Deus, por ser bom, criou um mundo bom (Gn1). Para mim não é uma questão de fé, mas de observação. O lugar de encontro do Homem com Deus é o mundo e a sua contemplação.

Quando participei na peregrinação a pé a Fátima e a Santiago de Compostela apercebi-me que as orações onde me sentia mais próxima de Deus não eram as das tradicionais Igrejas, mas as que eram feitas ao ar livre. De alguma forma havia uma proximidade com a obra de Deus e isso bastava para sentir que Deus é bom! O homem, sem esquecer todos os arquitectos geniais que projectaram as mais belas catedrais do mundo, jamais conseguirá criar um local tão bom como uma simples árvore.

Jesus rezou e pregou nas Sinagogas juntamente com os seus discípulos, tal como todos os bons judeus do seu tempo. Mas os registos mais profundos do Evangelho são num ambiente próximo da natureza: a subida ao monte Tabor («*Senhor, é bom estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias.*» Mt 17,4), o sermão da montanha («*Felizes os mansos, porque possuirão a terra.*» Mt 5,5), a proximidade ao lago de Tiberíades e, no momento de maior angústia, o Horto das Oliveiras. Poderia ter permanecido no local onde haviam celebrado a ceia Pascal, mas preferiram sair. Jamais me imaginaria a casar ou a ir a um baptizado no campo. As Igrejas continuarão a ser o local de culto dos católicos e ainda bem que é assim. Aquilo que realmente sinto é que não podemos distanciar Deus da sua obra. Se ela é boa, devemo-lo ao criador. A sua preservação e utilização como suporte de vida é uma responsabilidade de todos. O homem no centro do mundo é a usurpação da obra de Deus. Deus permite ao Homem que domine a terra para a realização da sua felicidade. As

aves do céu e os animais do mar não existem para serem exterminados em qualquer acidente petrolífero. O nosso domínio deve ser o da responsabilidade, como se a natureza fosse o talento entregue e que se espera que venha a ser restituído ao Senhor. Acredito que o que conduz à destruição dos ecossistemas, às alterações climáticas, não é a necessidade de alimentar o Homem, mas a necessidade de alimentar a ganância do Homem. O nosso sistema baseia-se no crescimento económico e no consumo. Quanto mais dígitos tiverem melhor... O projecto de Deus para o homem é claramente diferente. O profeta Natan perante a ganância do Rei David diz-lhe: *“dei-te a casa do teu senhor e pus as suas mulheres nos teus braços. Confiei-te os reinos de Israel e de Judá e, se isto te parecer pouco, acrescentarei outros favores”*- 2Sm 12 , 8. Não sou muito diferente dos pecados do Rei David. Sucumbo aos apelos do mundo. Habituei-me a

um apetite desregrado e que é incentivado pela sociedade. O resultado desta conjugação? O mais visível é a destruição do Mundo (da obra de Deus). O outro, igualmente negativo, é a destruição do homem, pela negação da casa que Deus lhe ofereceu. Deus deu-nos tudo e providencia-nos o que precisamos (*“Olhai para os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham, nem fiam. Eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles”* (Mt 6:28)). A infelicidade está onde a prenda de Deus é substituída pela convicção de que tudo podemos e tudo nos é permitido.

Neste Verão vou procurar encontrar o que me realiza: a família, os amigos, a oração, a natureza. Descobrir o preço de cada uma destas dimensões e compará-la com as outras. Entender que o que realmente procuramos já nos foi dado.



*«Na natureza aprende-se a contemplar a beleza de Deus e a vossa alma respira, abrindo-se ao louvor, ao silêncio e à contemplação do mistério divino.»*

João Paulo II



## “Eu e ... os outros”

### Eu, os outros e não só

Num mundo muito individualista, a relação com os outros é pouca e por vezes só quando interessa.

Nós, os cristãos, não podemos chamar-nos assim se não nos relacionamos com os outros porque é o único mandamento que Jesus nos dá: “Amai-vos uns aos outros”

Deus é amor: só o que ama conhece a Deus, se não amamos não podemos dizer que conhecemos a Deus.

E São João numa das suas cartas diz “O que não ama é um assassino”. E nós muitas vezes não amamos, mas dizemos “eu sou bom porque não mato...”

---

Este ano, a comunidade Verbum Dei de Lisboa escolheu como lema “*Eu vos escolhi a vós e vos destinei a ir e dar fruto, e fruto que permaneça*”. Jo 15,16

Mas se lemos Jo 15,4 “*Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto, pois, sem mim, nada podeis fazer*”, São João deixa bem claro que a abundância de fruto depende de se estar unido a Jesus, de tal forma, que até se atreve a dizer que sem Jesus não podemos fazer nada, absolutamente nada.

Isto leva-me a pensar que as minhas relações com os outros não podem ser para nada.

“Eu e os outros” não pode ser coisa de dois, é uma questão de três: Jesus, eu e os outros, ou melhor, a minha relação com Jesus marca a minha relação com os outros, e só relacionando-me com Jesus posso dar bons frutos na minha relação com os outros.

Não é muito difícil constatar que isto é uma grande verdade, basta observar os meus sentimentos, desejos, intenções, as minhas opções...

Eu por mim própria, não sei criar relações que dêem muitos e bons frutos. Sou interesseira, as minhas relações são com aqueles por quem sinto simpatia; com as pessoas que não gosto porque não pensam como

eu, sinto uma certa rejeição. Quando faço algo por alguém, procuro recompensa. Se a pessoa com a qual me relaciono falha, já fica negativamente marcada no meu pensamento. Nas relações, também sou cómoda e preguiçosa - quando não tenho vontade, deixo de ajudar quem precisa de mim. Na minha relação com os outros, o perdão é difícil, a entrega generosa e gratuita é praticamente impossível, e a humildade de senti-los como iguais nem sempre acontece.

Pode parecer que estou a exagerar e que não sou assim tão má, mas a verdade é que muitas vezes são estes os meus instintos e só não sou mesmo assim tão má porque nas minhas relações entra Jesus de Nazaré que me diz “*O meu mandamento é que vos ameis uns aos outros como eu vos amo*” Jo 15,12. E Jesus ainda vai mais longe “*Ninguém tem maior amor do que quem dá a vida pelos seus amigos*”. Jo 15,13.

Jesus, Tu com muita clareza propões-me uma relação de “um amor superior”, amar como Tu amas, até ao fim, até dar a vida.

Se tenho que estar disposta a dar a vida nas minhas relações, como não vou dar o meu tempo, a minha

comodidade, a minha preguiça, a minha disponibilidade, o meu sorriso, a minha gratuidade, e as minhas coisas materiais?

O dar a vida é o final de um sem número de acções e opções no dia a dia, é perdoar até 70 vezes 7, como Tu dizes Jesus; é pôr a minha ternura para visitar um doente, é dar as minhas roupas para vestir aquele que está nu; também é ter a coragem de visitar os que estão presos em si próprios ou presos na cadeia, e é querer alimentar e saciar as tantas e tantas fomes e sedes que algumas pessoas têm à minha volta. Cfr Mt 25

Jesus, só contigo sou capaz que as minhas relações sejam autênticas! O amar com ternura, o olhar com limpeza de coração, o sorrir com aceitação e sentir-me acolhida, o falar com palavras de conselho e de consolo, o estar disponível e com forças para a escuta, o ser generoso no dar, o ser justo no julgar. Tudo isto me tens mostrado, Jesus; eu tenho visto tudo isso na Tua vida, nas Tuas relações, e eu quero fazer o mesmo, porque Tu assim criaste Reino, foi assim que criaste fraternidade, assim marcaste a civilização do amor.

Descubro Jesus, que Tu queres isto para todos os que dizemos que acreditamos em Ti e que queremos seguir os Teus caminhos. Por isso num dia muito importante para Ti, com um gesto de serviço próprio de

escravos disseste aos Teus discípulos “Se eu faço estes gestos, vocês têm que fazer o mesmo uns com os outros”. Jo 1,15

A falta de relação com os outros e não nos relacionarmos desde o amor é para São João igual a ser um mentiroso e ainda mais um homicida.

*“Se alguém disser: “Eu amo a Deus” mas tiver ódio ao seu irmão, esse é um mentiroso, pois aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. E nós recebemos dele este mandamento: quem ama a Deus, ame também o seu irmão”.* 1 Jo 4, 19-21

*“Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama, permanece na morte. Todo aquele que tem ódio a seu irmão é um homicida”.*

Se alguém entendeu como devem de ser as relações com os outros é São Paulo: só o amor sabe relacionar-se e em 1 Cor 13, Paulo expressa-o estupendamente - não é preciso explicar nada; é só ler e viver o que lemos; assim asseguraremos umas relações verdadeiras.

Jesus, ajuda-nos a que as nossas formas de relacionar-nos uns com outros passem sempre por estar primeiro unidos a Ti. Só assim as nossas relações terão frutos de qualidade e só assim criaremos sociedades fraternas.

## Hino do amor

O amor é paciente e bondoso.  
Não é invejoso, nem orgulhoso  
não é arrogante, nem grosseiro.  
O amor não exige que se faça o que ele quer.  
Não é irritadiço e dificilmente suspeita do mal  
que os outros lhe possam fazer.  
Nunca fica satisfeito com a injustiça,  
mas alegra-se com a verdade.  
O amor nunca desiste,  
nunca perde a fé,  
tem sempre esperança  
e persevera em todas as circunstâncias.  
Todos os dons e capacidades especiais que vêm de Deus  
terminarão um dia,  
porém, o amor há-de sempre continuar  
Há três coisas que hão-de perdurar:  
a fé, a esperança e o amor;  
e destas a principal é o amor.

Cfr 1ª Cor 13, 4-8. 13



## “E quem é o meu próximo?”

**“Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: ‘Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagarto-ei quando voltar.’ Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»”**  
**Lc 10, 30-37**

---

A nossa relação com os outros tem momentos muito concretos. Optar por actuar e não passar ao longe pode marcar a diferença.

Poder ajudar os outros até ao fim é um privilégio e fazê-lo a partir dos ensinamentos de Jesus é o melhor que podemos fazer.

Quando pensamos naquilo que nos diz Jesus sobre a relação com os outros e procuramos uma leitura na Bíblia, lembramo-nos logo da parábola do “Bom Samaritano” de Lc 10.

É uma leitura que temos lido muito, mas eu hoje quero lê-la de novo, lê-la devagar e dialogar com Jesus sobre o que é que esta leitura pode significar para mim e para todos nós.

Hoje também nós podemos perguntar a Jesus: quem é o meu próximo? Se calhar, gostaríamos que a resposta fosse: “São os de África, os pobres, os que sofrem, os latino-americanos, os que estão na cadeia...” Uma resposta assim generalista, que não compromete muito, quase nada... são pessoas que estão tão longe, só exige alguma ajuda pontual, para nos justificar e acalmar a consciência.

Mas Jesus é muito concreto no amor. Obrigado Jesus por seres assim, rapidamente tens um exemplo que toca o nosso coração, voltas a falar-

nos de um certo homem que ia por um caminho e caiu nas mãos de uns salteadores.

Se agora pensarmos nos salteadores com os quais vivemos, encontramos-nos com uma sociedade que nos golpeia com o consumismo, os luxos e prazeres que criam em nós umas necessidades absurdas pelas quais nos esforçamos e ficamos de rastos.

Tudo vale na nossa sociedade, e ali está a pessoa à beira da depressão, da tristeza, do sem sentido, do desânimo, da frustração.

Quem é capaz de ajudar tantos e tantos próximos que estão assim à nossa volta? Pensamos sempre que são os outros quem nos pode ajudar com mais eficácia. Tem que ser a Igreja a ajudar, os políticos, os ricos, os empresários, os que sabem mais, os...

Mas todos eles, por vezes, passam de longe ocupados e preocupados com os seus assuntos e trabalhos. E é sempre aquele de quem menos esperamos que abdica da sua vida e dos seus interesses para ajudar o outro. Jesus fala-nos com muita clareza, o próximo é aquele que eu quero que seja o meu próximo, sou eu quem me aproximo dele, já que ele não tem capacidade de aproximar-se

para pedir ajuda de tão espancado que está...

Mas quando estou perto do necessitado, o que é que devo fazer? Como actuar? Que dar? Devo escutar? Falar? Abraçar? Curar?...

Continuo a ler o Evangelho de São Lucas, esse capítulo 10, tão rico: "O Samaritano chegou ao pé dele e vendo-o, encheu-se de compaixão". Lc 10,

A palavra "COMPAIXÃO" leva-me a pensar que a primeira coisa a fazer é pôr-me no lugar do outro, fazer da sua paixão e sofrimento a minha paixão e o meu sofrimento, e viver este momento de maneira apaixonada, não com resignação como a de quem o faz por obrigação.

A partir daqui esta leitura começa a utilizar uma série de verbos activos, dinâmicos:

- Ligou-lhe as feridas,
- Deitou azeite e vinho nelas;
- Colocou-o sobre a sua montada;
- Levou-lhe até uma estalagem;
- Cuidou dele.

Ainda que não saibamos o que é que temos que fazer, o amor abre a nossa inteligência e o nosso coração, e como que por milagre sabemos como temos que tratar da pessoa que está necessitada.

Às vezes é preciso escutar, noutras calar, em muitas falar, ou somente sorrir, ou acariciar, também aconselhar, e dizer ao outro a verdade ainda que não goste, falar amorosamente para o ajudar a corrigir, se o próximo está no mau caminho.

Mas com certeza que o que temos que fazer é chegar até ao fim, acompanhar

a pessoa até que ela seja "pessoa" de novo e consiga valer-se por si própria.

Não podemos deixar as coisas a meias, e eu atrevo-me a dizer que temos que chegar a que essa pessoa próxima seja "pessoa em plenitude", e nós, cristãos, sabemos que a nossa máxima realização é experimentarmos viver como filhos de Deus, é como diz o Concílio do Vaticano II: "a nossa autêntica identidade".

A chamada do Vaticano II obriga –nos a conformarmo-nos só com dar pão, vestir, dar um conselho; acompanhar até ao fim é chegar a poder dar a essa pessoa o dom mais apreciado que é "A FÉ".

Há uma outra coisa que me surpreende nesta leitura: quando o Samaritano sente que não pode chegar a tempo, pede ajuda ao estalajadeiro, porque nesse momento pode ser mais eficaz. Como nos fala este exemplo de simplicidade, quando não sei que mais fazer, nem tenho mais possibilidades, seguramente há outra pessoa que o pode fazer melhor e é isso que tenho que fazer, porque o essencial é fazê-lo sem importar quem seja e quem veja o êxito final.

Obrigada Jesus por este caminho tão concreto, com tantas dicas claras para poder relacionar-nos com a necessidade do outro.

Ajuda-me e ajuda-nos a todos a olhar para o outro como o nosso próximo, e ainda mais, como o meu irmão, porque se a nossa dignidade mais alta é sermos filhos de Deus, a nossa relação mais autêntica é a de sermos irmãos.

Ajudar as pessoas a viverem como filhos de Deus é um grande fruto da nossa vida.

MATERNAL Nº 2 - GRAVURA 9 - EU DEVO AMAR



## Com outro coração

Senhor ensina-me a olhar de um outro modo.  
Renova Tu o meu olhar.  
Faz-me descobrir a vida onde ela não se vê.  
Faz-me ver, para além de um tronco que parece seco, a seiva que corre,  
para além de um coração ressequido, alguém que pode amar.  
Faz-me acreditar que a figueira estéril pode dar fruto.  
E ensina-me a não desistir, nem dos outros nem de mim.  
Porque Tu também não desistes.  
Mostra-me como é importante, em cada situação,  
saber “cavar em volta e deitar adubo”. E esperar. E acreditar:  
“Talvez venha a dar fruto no futuro...”

Ensina-me, Senhor, a procurar a intimidade Contigo.  
Ensina-me a aproximar-me de Ti,  
a escutar a Tua voz, na Palavra e no silêncio,  
no coração, nos outros e nos acontecimentos da vida.  
Dá-me essa capacidade de escuta e de acolhimento,  
essa docilidade e disponibilidade que são precisas  
para te ouvir e para aceitar ser enviado.  
Dá-me confiança de que Tu vês muito além do que eu vejo,  
de que conheces aqueles a quem me envias.  
Toma fecunda a minha vida, Senhor;  
que da minha intimidade Contigo brote vida abundante para muitos.



## “Eu e ... o meu mundo”

### Só temos uma vida

Que convite é este que o Senhor me faz hoje? Sentimos muitas vezes a inquietação de que é preciso mudar, fechar um ciclo, viver com mais intensidade e dedicação o projecto que Deus tem para a nossa vida... Sentimos muitas vezes que o rumo que o mundo leva não faz sentido. No entanto, que respostas concretas procuramos dar com a nossa vida – com os nossos dons e limitações? Façamos o esforço de procurar as respostas “dentro” e não “fora” de nós.

Só temos uma vida. O que é que queremos fazer com ela?

***“É isto, pois, o que digo e recomendo no Senhor: não volteis a proceder como procedem os gentios, no vazio da sua mente; vivem obscurecidos no pensamento, alienados da vida de Deus, devido à ignorância que neles existe e ao endurecimento do seu coração; tornados insensíveis, a si mesmos se entregam à libertinagem, até chegarem a praticar toda a espécie de impureza, na ganância.***

***Vós, porém, não foi assim que aprendestes, ao conhecerdes a Cristo, supondo que dele ouvistes falar e nele fostes instruídos, conforme a verdade que está em Jesus: que deveis, no que toca à conduta de outrora, despir-vos do homem velho, corrompido por desejos enganadores; que vos deveis renovar pela transformação do Espírito que anima a vossa mente; e que deveis revestir-vos do homem novo, que foi criado em conformidade com Deus, na justiça e na santidade, próprias da verdade.***

***Por isso, despi-vos da mentira e diga cada um a verdade ao seu próximo, pois somos membros uns dos outros. Se vos irardes, não pequeis; que o sol não se ponha sobre o vosso ressentimento.”***

**Ef. 4, 17-26**

Outras leituras sugeridas: Prov 8, 1-14 e Mt 6, 19-34

---

É preciso fazer opções que me façam despir o “homem velho” que vive “alienado de Deus, com coração endurecido” (Ef 4, 18). É tempo de parar e pensar como é que posso dar mais ao mundo, ou seja, como posso viver de forma mais plena e abundante? Só tenho uma vida para viver. Qual a história que quero contar ao mundo com a minha vida? Uma história que mostre que é possível o amor, a consciência de que cada Homem pode ser feliz! Uma história que se desdobra em muitas dimensões (trabalho, família, voluntariado, tempos livres), em muitos

capítulos e etapas, mas em que em todos os momentos está plasmado o mesmo desejo de viver e ser testemunho vivo do amor de Deus.

É por isso que temos de começar por nós, pela forma como “vestimos” a nossa própria pele, pela forma como olhamos o mundo e os outros, pelas pequenas e grande opções que fazemos. Porque a cada dia são muitas as oportunidades que temos para viver mais e melhor, para que o nosso mundo (e o meu mundo) seja mais justo e fraterno. O que é que posso deixar ou acrescentar à minha vida para encontrar este “homem



novo”, criado em conformidade com Deus? (Ef 4, 24).

Todas as grandes opções são precedidas de pequenas opções e umas não podem substituir as outras. Por isso, é preciso saber esperar e aguardar o tempo favorável, mas também, a cada dia, ser capaz de perguntar: Senhor, o que sonhas para a minha vida? E não ter medo de deixar a pergunta em aberto...

Um pequeno episódio do dia-a-dia fez-me pensar na importância de saber esperar, aguardar com paciência e esperança! Comprei uma manga muito verde há alguns dias. Hoje, decidi descascá-la apesar de ainda não estar madura. O resultado? Um sabor amargo, levemente adocicado... Talvez tivesse sido suficiente aguardar mais um ou dois dias para poder saboreá-la no momento certo. Também na nossa vida sinto que temos de esperar para encontrar respostas às questões profundas, para

poder encontrar a sabedoria, a prudência, o conhecimento e a reflexão (Prov 8, 12). Por isso, devemos estar atentos aos sinais, às necessidades que identificamos à nossa volta (e dentro de nós). Não ter medo de dar pequenas respostas que vão criando espaço no nosso coração e na nossa vida para as grandes opções.

Ser consciente que “não posso ter tudo”. Não posso servir a dois senhores... “não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6, 24). E “dinheiro” pode incluir também poder, prestígio, reconhecimento social, ... Estamos mesmo dispostos a “optar pelo reino de Deus e a Sua justiça”? “Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia o seu problema” (Mat 6, 23-24). Um dia de cada vez! Mas que cada dia seja mais um passo para o encontro com Deus!



## TEU SIM POR GERAÇÕES

Quando o Senhor te chamou,  
Já em muitos Ele pensou.  
O teu sim é por gerações,  
Como as estrelas do céu,  
Como as areias do mar.  
Alarga o espaço da tua tenda,  
Mandou-te o Senhor,  
Teu marido é o teu Criador,  
P'rá direita e p'rá esquerda,  
Teus filhos estender-se-ão.

TEU SIM PELOS QUE AINDA NÃO TÊM VOZ,  
TEU SIM PELOS QUE ESPERAM A LIBERTAÇÃO,  
E UM DIA P'LA TUA VIDA MUITOS NASCERÃO,  
E UM DIA P'LA TUA ENTREGA MUITOS VIVERÃO.

Olha, Senhor, que eu não sei expressar-me,  
Miserável e pobre eu sou,  
Apenas uma criança,  
Que não é digna de confiança,  
Para ter esta missão.  
Não temas, Meu discípulo escolhido,  
Contigo eu estarei.  
A Minha força na tua pobreza,  
Minhas palavras na tua boca,  
Na tua vida actuarei.

Todo o meu ser será o Teu regaço,  
Onde o Teu calor darei.  
Teu amor maternal,  
Tuas entranhas de ternura,  
Na minha vida encarnarei.  
Teu desejo de voltar a ver Teus filhos  
levar-me-á a correr à procura do perdido,  
Solitário e sem carinho,  
À Tua mesa os sentarei.

Cântico Verbum Dei

## “Vós sois o sal da terra e a luz do mundo”

**«Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se corromper, com que se há-de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro, e assim alumia a todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu.»**

**Mt 5, 13-16**

---

Vós sois o sal da terra e a luz do mundo.

Quando escolhi esta leitura, pareceu-me um pouco batida e podendo correr o perigo de já não prender a atenção.

Mas penso que esta é uma expressão que merece que se pare para a “escutar” sempre mais uma vez e que exalta o facto de sermos missionários, sejamos leigos ou consagrados.

Ao rezar estes versículos, fazia duas leituras.

A primeira, mais restrita, apenas destes dois parágrafos em que encaro estas frases como um desafio de Cristo para que sejamos nós próprios com toda a nossa riqueza individual, como seres únicos. Eu com a minha criatividade, com a minha alegria, com a minha coragem, com o meu dinamismo... Enfim, com as minhas características e dons.

Creio que foi Nelson Mandela, num discurso, que dizia: *“Perguntamo-nos a nós mesmos, quem sou eu para ser brilhante, bonito, talentoso, fabuloso? Na verdade, quem és tu para não o ser? Tu és um filho de Deus.”*

Numa segunda perspectiva, e agora olhando a todo o Capítulo 5 de S. Mateus, temos as Bem Aventuranças e, depois, o olhar de Jesus sobre os Mandamentos.

Há uma expressão, logo no início do capítulo e que surge várias vezes nos

Evangelhos e que diz que *“Jesus os ensinava”* (aos discípulos).

Jesus ensina. Ele explica como se ama segundo o amor de Deus.

Com as Bem Aventuranças indica-nos qual a conduta que nos leva a viver à semelhança de Deus.

Quando clarifica os Mandamentos, normas morais pelas quais aquelas pessoas se regiam há gerações e gerações, Ele diz que estão aquém do que é realmente viver com o olhar em Deus. É mais do que isso. Jesus é muito claro e até brusco nas exemplificações.

De facto, a vida mostra-nos que, em dados momentos, para caminhar em frente, temos que destruir os nossos esquemas mentais. O formato que sempre nos pareceu correcto, afinal não serve. Não serve a Deus e não serve a nós próprios.

*“Seja o vosso sim um sim, e o vosso não, um não”* (Mt, 5 37).



## O caminho

Revi há dias o filme “Paris, Texas” de Wim Wenders. E impressionaram-me, de novo, as imagens daquele homem a caminhar no deserto, sem um destino certo nem um plano de viagem. Não é fácil abrirem-se caminhos no deserto. A dureza do solo, o vento que move a areia, a falta de referências impedem essas marcas que possam servir a outros. Mas, ainda no filme, o caminhar daquele homem é interrompido por uma missão: voltar a conduzir o coração de uma mãe ao seu filho. E nos desertos que se instalam por dentro das pessoas, mais difícil é endireitar caminhos. Difícil, mas não impossível!

Não sei que filósofo chamava ao homem, “Homo viator”. Mas gosto muito desta expressão. Somos homens e mulheres em caminho. Abrimos caminhos que podem ser referência para outros, traçamos mapas e procuramos novas metas, e descobrimos também como o interior de cada um é um imenso mundo a percorrer. Quantas vezes a vida parece-nos um emaranhado de linhas, curvas e contra-curvas, avanços e recuos? E o tempo e energias que perdemos a pensar: “se tivesse ido por ali...!” Gostaríamos que nos apresentassem os caminhos já feitos e um mapa que bastaria seguir? Eliminaríamos assim o risco, a hipótese de um fracasso, alguns becos sem saída. Creio que foi Gabriel Marcel, um filósofo do século XX que dizia: “o desejo primordial de milhões de homens já não é a felicidade, mas a segurança”. O pior obstáculo a qualquer caminhada é o medo de sair de casa. E a “casa” pode ser a própria mente ou o coração de cada um!

Uma das maravilhas da Bíblia é revelar-nos um Deus a caminho. Ao encontro dos homens e propondo-se caminhar com eles. No oráculo de Baruc é Deus que conduz a Jerusalém os filhos e filhas reunidos desde o poente ao nascente. É Ele que abate os montes e as colinas e enche os vales para aplanar a terra, e Israel possa caminhar em segurança. A experiência da fé é um caminho, um “*caminho que se faz ao andar*”, como dizia o poeta António Machado. Caminho na terra e na alma. E como poderemos andar sem olhar para o que nos rodeia? E como podemos passar pela injustiça, a opressão, o homem caído, e nada fazer? O caminho do Senhor entrelaça-se com os caminhos dos homens. Vemos montes de orgulho e vales de indiferença? Encontramos caminhos tortuosos e veredas escarpadas? É um risco trabalhar nestes caminhos, mas pior não será ficar parado por medo de que andar seja doloroso? E julgamos que caminhamos sozinhos?

P. Vítor Gonçalves



## **2ª Parte**

# **A visita de Bento XVI a Portugal**

# ”Contigo caminhamos na esperança, sabedoria e missão”

## Visita de Bento XVI a Portugal 11-14 de Maio de 2010

Como permanecer agora neste caminho de esperança, sabedoria e missão? Ao sair de Portugal, o Papa Bento XVI expressou o desejo de que sua visita se tornasse *"incentivo para um renovado impulso espiritual e apostólico"*. O Verão, é sempre altura de olhar para trás, renovar energias e projectar o novo ano que se aproxima. É por isso uma altura privilegiada para o encontro com Deus e para Lhe dar espaço e tempo para redefinir prioridades e fazer opções. Na sua visita o Papa deixa o convite: *"Fazei coisas belas, mas sobretudo tornai as vossas vidas lugares de beleza"*. O que é na minha vida pode ser mais belo, mais espaço de Amor e de vida abundante?

Nas suas homilias, o Papa convida-nos a ser presença activa de Deus no meio do mundo, na família, na cultura, na economia, na política. Exorta-nos a que a nossa fé se torne vida em cada um de nós. Nas pequenas e nas grandes opções, porque tudo é oportunidade!

Precisamos de inventar novos caminhos, mas sobretudo temos de mudar o nosso coração e estar dispostos a anunciar que Deus é resposta para *"os anseios profundos de cada coração humano (...) as suas questões mais inquietantes acerca do sofrimento, da injustiça e do mal, sobre a morte e a vida"*.

Alguns meses após a visita do Papa a Portugal, é bom poder (re)ler as suas homilias, recordar o testemunho, fazer memória da mensagem que nos deixou: *"todos os cristãos são hoje chamados a ser testemunhas de Jesus nos meios humanos onde o silêncio da fé é mais amplo e profundo"*.

Estou disposto a abraçar este projecto?

*"Portanto a nossa fé tem fundamento, mas é preciso que esta fé se torne vida em cada um de nós. Assim há um vasto esforço a fazer para que cada cristão se transforme em testemunha (cf. 1 Pd 3, 15): só Cristo pode satisfazer plenamente os anseios profundos de cada coração humano e responder às suas questões mais inquietantes acerca do sofrimento, da injustiça e do mal, sobre a morte e a vida do Além."*

Bento XVI



## “Eu estou sempre convosco”

Nos textos da Eucaristia presidida pelo Papa em Lisboa guardo esta insistência de que Deus está, que não nos deixa nunca: *“E Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos”* (Mateus 28, 20). Jesus ressuscitado dá-nos a garantia deste “sempre” que só a Deus é possível.

A presença de Jesus na Igreja nem sempre é clara, transparente: os nossos pecados obscurecem esta evidência; não a tiram, mas ensombram-na. Por isso é que Jesus insiste *“fazei discípulos (...) ensinando-os”*: é para que partilhemos com outros a luz que já temos, o sol que conseguimos descortinar por entre as nuvens do tempo presente.

**Será que deixamos que as dúvidas “escureçam” a fé?**

**Como deixamos passar para os outros a “luz” em que já vivemos?**

---

*“Quando O viram, adoraram-nO; alguns, no entanto, ainda duvidavam. Jesus aproximou-Se deles e disse-lhes: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabei que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.»”* (Mat. 28, 17-20)

Os dias da passagem do Papa Bento XVI por Portugal em Maio último foram destes acontecimentos que podem ter várias leituras, conforme o ponto de vista a partir do qual os queiramos olhar.

Para alguns, tudo isto foi uma maçada: condicionalismos de trânsito, transportes suspensos, reuniões alteradas, consultas adiadas, escolas fechadas... Para outros, foi fantástico: um dia de “férias” inesperado até deu jeito para dar um saltinho à praia!

Depois, houve toda a espécie de comentários e observações de jornalistas, de políticos e dos populares, em geral, azedos (*“Porquê deixarmos de trabalhar? Para quê gastar dinheiro nisto?...”*) ou entusiasmados (*“Afinal, o Papa é mais afável do que parecia!”*).

E nós? Nós, cristãos, para quem a visita do Papa foi (seria) uma ocasião muito importante, como vivemos os

momentos de celebração, como escutámos as palavras que Bento XVI nos dirigiu, especificamente?...

Eu tive a sorte – o privilégio, porque muitos quiseram e não puderam fazê-lo – de estar em Lisboa, na missa do Terreiro do Paço, e, depois, em Fátima. Confesso que ainda estou a “digerir” tudo o que me/nos foi dado viver nessa semana: a alegria dos jovens e dos menos jovens, pelas ruas da cidade; a beleza e a serenidade dos tempos de oração, de um silêncio impressionante, em vários momentos; a fé, a perseverança, o sentido de unidade... Há tanto trabalho do Espírito no meio de tudo isto!

Agora, que os discursos e homilias do Santo Padre já estão publicados (divulgamos alguns excertos mais adiante), tenho estado a saborear lentamente, muito lentamente, estes textos riquíssimos que ele nos quis deixar. Pensei, inicialmente, que seriam coisas muito complicadas, vindas de um teólogo como Ratzinger; afinal, são palavras simples e acessíveis, ainda que profundas e densas; são palavras de coração a coração...

Nos textos da Eucaristia celebrada em Lisboa guardo esta insistência de que Deus está, que não nos deixa nunca: *“E Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos”* (Mat 28, 20). Jesus

ressuscitado dá-nos a garantia deste “sempre” que só a Deus é possível.

Naqueles dias da visita do Papa tudo parecia tão fácil !... Agora, voltando à normalidade do nosso dia-a-dia, corremos o risco de que a esperança esmoreça, de que fé perca o entusiasmo, de que o amor seja menos criativo...

Jesus disse aos discípulos “*Ide*”, como nos diz a nós. E, antes disso – nunca tinha reparado neste detalhe do texto – “*aproximou-Se deles*”. Jesus faz-Se próximo, vem ter connosco, mesmo quando duvidamos (“*alguns, no entanto, ainda duvidavam*”). A Ressurreição não era uma coisa óbvia: era natural que alguns tivessem dúvidas. Mas Ele não receia as nossas dúvidas: apesar delas, aproxima-Se, confia em nós e continua a dizer-nos “*Ide*”.

A presença de Jesus na Igreja nem sempre é clara, transparente: os nossos pecados obscurecem esta evidência; não a tiram, mas ensombram-na. É como quando as nuvens aparecem à frente do sol: o sol está lá, muito mais alto do que elas, e não deixou de brilhar! Mas as nuvens tapam-no, por momentos, e impedem que nós vejamos esse brilho em toda a sua grandeza. É natural que alguns ainda duvidem de que Jesus vive na Igreja; e que não vejam que a Igreja é uma, apesar das suas múltiplas faces; e que não saibam que é Pedro, o Papa, a garantia dessa unidade. Por isso é que Jesus insiste “*fazei discípulos (...) ensinando-os*”: é para que partilhemos com outros a luz que já temos, o sol que conseguimos descortinar por entre as nuvens do tempo presente.

Será que deixamos que as dúvidas “escureçam” a fé?

Como deixamos passar para os outros a “luz” em que já vivemos?

E deixamos que Jesus Se aproxime de nós (ou andamos tão ocupados com as “nuvens” que nem damos pela Sua presença)?

“*E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.*” Estas palavras de Jesus contêm, hoje, como para os discípulos daquele tempo, uma certeza primordial da nossa fé. O Papa Bento XVI veio fortalecer esta certeza em nós, cristãos de Portugal em 2010. E fê-lo, fazendo-nos olhar para tempos remotos (“*No passado, a vossa saída em demanda de outros povos (...)*”), para o presente (“*Hoje, participando na edificação da Comunidade Europeia*”) e para o amanhã (“*encontrar a estrada para o futuro*”), ensinando-nos a descobrir, na nossa História pessoal e comunitária o “sempre” de Jesus Cristo.

“*Eu escolhi-vos e destinei-vos a dar frutos*” – diz-nos o Senhor (Jo 15, 16); frutos que permaneçam nas diversas dimensões da nossa vida. A visita do Papa a Portugal em 2010 são certamente muitos; alguns deles nunca os chegaremos a conhecer, porque brotaram no coração de cada um.

O Pe. Luciano Cristino, Reitor do Santuário de Fátima, na mensagem enviada ao Santo Padre um mês após a visita (Junho 2010), escrevia: “*A sua presença e a sua palavra fizeram-nos sentir mais tranquilos enquanto crentes, num mundo que faz campanha pela descrença; o seu sorriso e os seus gestos de acolhimento deram à fé cristã um rosto mais feliz; o seu testemunho de seguimento de Jesus Cristo mostrou que não estamos enganados. A fé dos cristãos ficou mais forte*”.

Jesus e a Igreja esperam de nós que multipliquemos estes frutos.





## **Homilia do Papa Bento XVI Praça Terreiro do Paço de Lisboa Terça-feira, 11 de Maio de 2010**

Queridos Irmãos e Irmãs,  
Jovens amigos!

«*Ide fazer discípulos de todas as nações, [...] ensinai-lhes a cumprir tudo quanto vos mandei. E Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos*» (Mt 28, 20). Estas palavras de Cristo ressuscitado revestem-se de um significado particular nesta cidade de Lisboa, donde partiram em grande número gerações e gerações de cristãos – bispos, sacerdotes, consagrados e leigos, homens e mulheres, jovens e menos jovens –, obedecendo ao apelo do Senhor e armados simplesmente com esta certeza que lhes deixou: «*Eu estou sempre convosco*». Glorioso é o lugar conquistado por Portugal entre as nações pelo serviço prestado à dilatação da fé: nas cinco partes do mundo, há Igrejas locais que tiveram origem na missão portuguesa.

Nos tempos passados, a vossa saída em demanda de outros povos não impediu nem destruiu os vínculos com o que éreis e acreditáveis, mas, com sabedoria cristã, pudestes transplantar experiências e particularidades abrindo-vos ao contributo dos outros para serdes vós próprios, em aparente debilidade que é força. Hoje, participando na edificação da Comunidade Europeia, levai o contributo da vossa identidade cultural e religiosa. De facto, Jesus Cristo, assim como Se uniu aos discípulos a caminho de Emaús, assim também caminha connosco segundo a sua promessa: «*Estou sempre convosco, até ao fim dos tempos*». Apesar de ser diferente da dos Apóstolos, temos também nós uma verdadeira e pessoal experiência da presença do Senhor ressuscitado.

A distância dos séculos é superada e o Ressuscitado oferece-Se vivo e operante, por nós, no hoje da Igreja e do mundo. Esta é a nossa grande alegria. No rio vivo da Tradição eclesial, Cristo não está a dois mil anos de distância, mas está realmente presente entre nós e dá-nos a Verdade, dá-nos a luz que nos faz viver e encontrar a estrada para o futuro.

Presente na sua Palavra, na assembleia do Povo de Deus com os seus Pastores e, de modo eminente, no sacramento do seu Corpo e do seu Sangue, Jesus está connosco aqui. Saúdo o Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa, a quem agradeço as calorosas palavras que me dirigiu, no início da celebração, em nome da sua comunidade que me acolhe e que abraço nos seus quase dois milhões de filhos e filhas; a todos vós aqui presentes – amados Irmãos no episcopado e no sacerdócio, prezadas mulheres e homens consagrados e leigos comprometidos, queridas famílias e jovens, baptizados e catecúmenos – dirijo a minha saudação fraterna e amiga, que estendo a quantos estão unidos connosco através da rádio e da televisão. Sentidamente agradeço a presença do Senhor Presidente da República e demais Autoridades, com menção particular do Presidente da Câmara de Lisboa que teve a amabilidade de honrar-me com a entrega das chaves da cidade.

Lisboa amiga, porto e abrigo de tantas esperanças que te confiava quem partia e pretendia quem te visitava, gostava hoje de usar as chaves que me entregas para alicerçar as tuas esperanças humanas na Esperança divina. Na leitura há pouco proclamada da Epístola de São Pedro, ouvimos dizer: «*Eu vou pôr em Sião uma pedra angular, escolhida e preciosa. E quem nela acreditar não será confundido*». E o Apóstolo explica: «*Aproximai-vos do Senhor. Ele é a pedra viva, rejeitada, é certo,*

*pelos homens, mas aos olhos de Deus escolhida e preciosa»* (1 Pd 2, 6.4). Irmãos e irmãs, quem acreditar em Jesus não será confundido: é Palavra de Deus, que não se engana nem pode enganar. Palavra confirmada por uma «*multidão que ninguém pode contar e provém de todas as nações, tribos, povos e línguas*», e que o autor do Apocalipse viu vestida de «*túnicas brancas e com palmas na mão*» (Ap 7, 9). Nesta multidão incontável, não estão apenas os Santos Veríssimo, Máxima e Júlia, aqui martirizados na perseguição de Diocleciano, ou São Vicente, diácono e mártir, padroeiro principal do Patriarcado; Santo António e São João de Brito que daqui partiram para semear a boa semente de Deus noutras terras e gentes, ou São Nuno de Santa Maria que, há pouco mais de um ano, inscrevi no livro dos Santos. Mas é formada pelos «*servos do nosso Deus*» de todos os tempos e lugares, em cuja frente foi traçado o sinal da cruz com «*o sinete de marcar do Deus vivo*» (Ap 7, 2): o Espírito Santo. Trata-se do rito inicial cumprido sobre cada um de nós no sacramento do Baptismo, pelo qual a Igreja dá à luz os «*santos*».

Sabemos que não lhe faltam filhos insubmissos e até rebeldes, mas é nos Santos que a Igreja reconhece os seus traços característicos e, precisamente neles, saboreia a sua alegria mais profunda. Irmana-os, a todos, a vontade de encarnar na sua existência o Evangelho, sob o impulso do eterno animador do Povo de Deus que é o Espírito Santo.

Fixando os seus Santos, esta Igreja local concluiu justamente que a prioridade pastoral hoje é fazer de cada mulher e homem cristão uma presença irradiante da perspectiva evangélica no meio do mundo, na família, na cultura, na economia, na política. Muitas vezes preocupamo-nos afanosamente com as consequências sociais, culturais e políticas da fé, dando por suposto que a fé existe, o que é cada vez menos realista. Colocou-se uma confiança talvez excessiva nas estruturas e nos programas eclesiais, na distribuição de poderes e funções; mas que acontece se o sal se tornar insípido?

Para isso é preciso voltar a anunciar com vigor e alegria o acontecimento da morte e ressurreição de Cristo, coração do cristianismo, fulcro e sustentáculo da nossa fé, alavanca poderosa das nossas certezas, vento impetuoso que varre qualquer medo e indecisão, qualquer dúvida e cálculo humano. A ressurreição de Cristo assegura-nos que nenhuma força adversa poderá jamais destruir a Igreja. Portanto a nossa fé tem fundamento, mas é preciso que esta fé se torne vida em cada um de nós. Assim há um vasto esforço capilar a fazer para que cada cristão se transforme em testemunha capaz de dar conta a todos e sempre da esperança que o anima (cf. 1 Pd 3, 15): só Cristo pode satisfazer plenamente os anseios profundos de cada coração humano e responder às suas questões mais inquietantes acerca do sofrimento, da injustiça e do mal, sobre a morte e a vida do Além.

Queridos Irmãos e jovens amigos, Cristo está sempre connosco e caminha sempre com a sua Igreja, acompanha-a e guarda-a, como Ele nos disse: «*Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos*» (Mt 28, 20). Nunca duvideis da sua presença! Procurai sempre o Senhor Jesus, cresci na amizade com Ele, comungai-O. Aprendei a ouvir e a conhecer a sua palavra e também a reconhecê-Lo nos pobres. Vivei a vossa vida com alegria e entusiasmo, certos da sua presença e da sua amizade gratuita, generosa, fiel até à morte de cruz. Testemunhai a alegria desta sua presença forte e suave a todos, a começar pelos da vossa idade. Dizei-lhes que é belo ser amigo de Jesus e que vale a pena segui-Lo.

Com o vosso entusiasmo, mostrai que, entre tantos modos de viver que hoje o mundo parece oferecer-nos – todos aparentemente do mesmo nível –, só seguindo

Jesus é que se encontra o verdadeiro sentido da vida e, conseqüentemente, a alegria verdadeira e duradoura.  
Buscai diariamente a protecção de Maria, a Mãe do Senhor e espelho de toda a santidade. Ela, a Toda Santa, ajudar-vos-á a ser fiéis discípulos do seu Filho Jesus Cristo.



## Homilia do Santo Padre em Fátima 13 Maio 2010

Queridos peregrinos,

«A linhagem do povo de Deus será conhecida [...] como linhagem que o Senhor abençoou» (Is 61, 9). Assim começava a primeira leitura desta Eucaristia, cujas palavras encontram uma realização admirável nesta devota assembleia aos pés de Nossa Senhora de Fátima. Irmãos e irmãos muito amados, também eu vim como peregrino a Fátima, a esta «casa» que Maria escolheu para nos falar nos tempos modernos. Vim a Fátima para rejubilar com a presença de Maria e sua materna protecção. Vim a Fátima, porque hoje converge para aqui a Igreja peregrina, querida pelo seu Filho como instrumento de evangelização e sacramento de salvação. Vim a Fátima para rezar, com Maria e tantos peregrinos, pela nossa humanidade acabrunhada por misérias e sofrimentos. Enfim, com os mesmos sentimentos dos Beatos Francisco e Jacinta e da Serva de Deus Lúcia, vim a Fátima para confiar a Nossa Senhora a confissão íntima de que «amo», de que a Igreja, de que os sacerdotes «amam» Jesus e n'Ele desejam manter fixos os olhos ao terminar este Ano Sacerdotal, e para confiar à protecção materna de Maria os sacerdotes, os consagrados e consagradas, os missionários e todos os obreiros do bem que tornam acolhedora e benfazeja a Casa de Deus.

São a linhagem que o Senhor abençoou... Linhagem que o Senhor abençoou és tu, amada diocese de Leiria-Fátima, com o teu Pastor Dom António Marto, a quem agradeço a saudação inicial e todas as atenções com que me cumulou nomeadamente através de seus colaboradores neste santuário. Saúdo o Senhor Presidente da República e demais autoridades ao serviço desta Nação gloriosa. Idealmente abraço todas as dioceses de Portugal, aqui representadas pelos seus Bispos, e confio ao Céu todos os povos e nações da terra. Em Deus, estreito ao coração todos os seus filhos e filhas, especialmente quantos vivem atribulados ou abandonados, no desejo de comunicar-lhes aquela esperança grande que arde no meu coração e que, em Fátima, se faz encontrar mais sensivelmente. A nossa grande esperança lance raízes na vida de cada um de vós, amados peregrinos aqui presentes, e de quantos estão em comunhão connosco através dos meios de comunicação social.

Sim! O Senhor, a nossa grande esperança, está connosco; no seu amor misericordioso, oferece um futuro ao seu povo: um futuro de comunhão consigo. Tendo experimentado a misericórdia e consolação de Deus que não o abandonara no fatigante caminho do regresso do exílio de Babilónia, o povo de Deus exclama: «*Exulto de alegria no Senhor, a minha alma rejubila no meu Deus*» (Is 61, 10). Filha excelsa deste povo é a Virgem Mãe de Nazaré, a qual, revestida de graça e docemente surpreendida com a gestação de Deus que se estava operando no seu seio, faz igualmente sua esta alegria e esta esperança no cântico do Magnificat: «*O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador*». Entretanto não se vê como privilegiada no meio de um povo estéril, antes profetiza-lhe as doces alegrias duma prodigiosa maternidade de Deus, porque «*a sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem*» (Lc 1, 47.50).

Prova disto mesmo é este lugar bendito. Mais sete anos e voltareis aqui para celebrar o centenário da primeira visita feita pela Senhora «vinda do Céu», como Mestra que introduz os pequenos videntes no conhecimento íntimo do Amor Trinitário e os leva a saborear o próprio Deus como o mais belo da existência humana. Uma experiência de graça que os tornou enamorados de Deus em Jesus, a ponto da Jacinta exclamar: «*Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo. Quando Lho digo muitas vezes, parece que tenho um lume no peito, mas não me queimo*». E o Francisco dizia: «*Do que gostei mais foi de ver a Nosso Senhor, naquela luz que Nossa Senhora nos meteu no peito. Gosto tanto de Deus!*» (Memórias da Irmã Lúcia, I, 40 e 127).

Irmãos, ao ouvir estes inocentes e profundos desabafos místicos dos Pastorinhos, poderia alguém olhar para eles com um pouco de inveja por terem visto ou com a desiludida resignação de quem não teve essa sorte mas insiste em ver. A tais pessoas, o Papa diz como Jesus: «*Não andareis vós enganadas, ignorando as Escrituras e o poder de Deus?*» (Mc 12, 24). As Escrituras convidam-nos a crer: «*Felizes os que acreditam sem terem visto*» (Jo 20, 29), mas Deus – mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio (cf. Santo Agostinho, Confissões, III, 6, 11) – tem o poder de chegar até nós nomeadamente através dos sentidos interiores, de modo que a alma recebe o toque suave de algo real que está para além do sensível, tornando-a capaz de alcançar o não-sensível, o não-visível aos sentidos. Para isso exige-se uma vigilância interior do coração que, na maior parte do tempo, não possuímos por causa da forte pressão das realidades externas e das imagens e preocupações que enchem a alma (cf. Card. Joseph Ratzinger, Comentário teológico da Mensagem de Fátima, ano 2000). Sim! Deus pode alcançar-nos, oferecendo-Se à nossa visão interior.

Mais ainda, aquela Luz no íntimo dos Pastorinhos, que provém do futuro de Deus, é a mesma que se manifestou na plenitude dos tempos e veio para todos: o Filho de Deus feito homem. Que Ele tem poder para incendiar os corações mais frios e tristes, vemo-lo nos discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 32). Por isso a nossa esperança tem fundamento real, apoia-se num acontecimento que se coloca na história e ao mesmo tempo excede-a: é Jesus de Nazaré. E o entusiasmo que a sua sabedoria e poder salvífico suscitavam nas pessoas de então era tal que uma mulher do meio da multidão – como ouvimos no Evangelho – exclama: «*Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre e Te amamentou ao seu peito*». Contudo Jesus observou: «*Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática*» (Lc 11, 27. 28). Mas quem tem tempo para escutar a sua palavra e deixar-se fascinar pelo seu amor? Quem vela, na noite da dúvida e da incerteza, com o coração acordado em oração? Quem espera a aurora do dia novo, tendo acesa a chama da fé? A fé em Deus abre ao homem o horizonte de uma esperança certa que não desilude; indica um sólido fundamento sobre o qual apoiar, sem medo, a própria vida; pede o abandono, cheio de confiança, nas mãos do Amor que sustenta o mundo.

«*A linhagem do povo de Deus será conhecida [...] como linhagem que o Senhor abençoou*» (Is 61, 9) com uma esperança inabalável e que frutifica num amor que se sacrifica pelos outros, mas não sacrifica os outros; antes – como ouvimos na segunda leitura – «*tudo desculpa, tudo acredita, tudo espera, tudo suporta*» (1 Cor 13, 7). Exemplo e estímulo são os Pastorinhos, que fizeram da sua vida uma doação a Deus e uma partilha com os outros por amor de Deus. Nossa Senhora ajudou-os a

abrir o coração à universalidade do amor. De modo particular, a beata Jacinta mostrava-se incansável na partilha com os pobres e no sacrifício pela conversão dos pecadores. Só com este amor de fraternidade e partilha construiremos a civilização do Amor e da Paz.

Iludir-se-ia quem pensasse que a missão profética de Fátima esteja concluída. Aqui revive aquele desígnio de Deus que interpela a humanidade desde os seus primórdios: «*Onde está Abel, teu irmão? [...] A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim*» (Gn 4, 9). O homem pôde despoletar um ciclo de morte e terror, mas não consegue interrompê-lo... Na Sagrada Escritura, é frequente aparecer Deus à procura de justos para salvar a cidade humana e o mesmo faz aqui, em Fátima, quando Nossa Senhora pergunta: «*Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele mesmo é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?*» (Memórias da Irmã Lúcia, I, 162).

Com a família humana pronta a sacrificar os seus laços mais sagrados no altar de mesquinhos egoísmos de nação, raça, ideologia, grupo, indivíduo, veio do Céu a nossa bendita Mãe oferecendo-Se para transplantar no coração de quantos se Lhe entregam o Amor de Deus que arde no seu. Então eram só três, cujo exemplo de vida irradiou e se multiplicou em grupos sem conta por toda a superfície da terra, nomeadamente à passagem da Virgem Peregrina, que se votaram à causa da solidariedade fraterna. Possam os sete anos que nos separam do centenário das Aparições apressar o anunciado triunfo do Coração Imaculado de Maria para glória da Santíssima Trindade.

## Homilia de Bento XVI Avenida dos Aliados 14 de Maio de 2010

Amados Irmãos e Irmãs,

«*Está escrito no Livro dos Salmos: [...] receba outro o seu cargo. É necessário, portanto, que [...] um se torne connosco testemunha da ressurreição*» (Act 1, 20-22). Assim falou Pedro, lendo e interpretando a palavra de Deus no meio de seus irmãos, reunidos no Cenáculo depois da Ascensão de Jesus ao Céu. O escolhido foi Matias, que tinha sido testemunha da vida pública de Jesus e do seu triunfo sobre a morte, permanecendo-Lhe fiel até ao fim, não obstante a debandada de muitos. A «desproporção» de forças em campo, que hoje nos espanta, já há dois mil anos admirava os que viam e ouviam a Cristo. Era Ele apenas, das margens do Lago da Galileia às praças de Jerusalém, só ou quase só nos momentos decisivos: Ele em união com o Pai, Ele na força do Espírito. E todavia aconteceu que por fim, pelo mesmo amor que criou o mundo, a novidade do Reino surgiu como pequena semente que germina na terra, como centelha de luz que irrompe nas trevas, como aurora de um dia sem ocaso: É Cristo ressuscitado. E apareceu aos seus amigos, mostrando-lhes a necessidade da cruz para chegar à ressurreição.

Uma testemunha de tudo isto, procurava Pedro naquele dia. Apresentadas duas, o Céu designou «*Matias, que foi agregado aos onze Apóstolos*» (Act 1, 26). Hoje celebramos a sua memória gloriosa nesta «Cidade Invicta», que se vestiu de festa para acolher o Sucessor de Pedro. Dou graças a Deus por me trazer até ao vosso meio, encontrando-vos à volta do altar. A minha cordial saudação para vós, irmãos e amigos da cidade e diocese do Porto, vindos da província eclesiástica do norte de Portugal e mesmo da vizinha Espanha, e quantos mais estão em comunhão física ou espiritual com esta nossa assembleia litúrgica. Saúdo o Senhor Bispo do Porto, Dom Manuel Clemente, que desejou com grande solicitude a minha visita, me acolheu com grande afecto e se fez intérprete dos vossos sentimentos no início desta Eucaristia. Saúdo seus Predecessores e demais Irmãos no episcopado, os sacerdotes, os consagrados e consagradas, e os fiéis leigos, com um pensamento particular para quantos estão envolvidos na dinamização da Missão Diocesana e, mais concretamente, na preparação desta minha Visita. Sei que a mesma pôde contar com a real colaboração do Presidente da Câmara do Porto e de outras Autoridades públicas, muitas das quais me honram com a sua presença, aproveitando este momento para as saudar e lhes desejar, a elas e a quantos representam e servem, os melhores sucessos a bem de todos.

«*É necessário que um se torne connosco testemunha da ressurreição*»: dizia Pedro. E o seu Sucessor actual repete a cada um de vós: Meus irmãos e irmãs, é necessário que vos torneis comigo testemunhas da ressurreição de Jesus. Na realidade, se não fordes vós as suas testemunhas no próprio ambiente, quem o será em vosso lugar? O cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo enviado ao mundo. Esta é a missão inadiável de cada comunidade eclesial: receber de Deus e oferecer ao mundo Cristo ressuscitado, para que todas as situações de definhamento e morte se transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida. Para isso, em cada celebração eucarística, ouviremos mais atentamente a Palavra de Cristo e saborearemos assiduamente o Pão da sua presença. Isto fará de nós testemunhas e, mais ainda, portadores de Jesus ressuscitado no mundo,



levando-O para os diversos sectores da sociedade e quantos neles vivem e trabalham, irradiando aquela «*vida em abundância*» (Jo, 10, 10) que Ele nos ganhou com a sua cruz e ressurreição e que sacia os mais legítimos anseios do coração humano.

Nada impomos, mas sempre propomos, como Pedro nos recomenda numa das suas cartas: «*Venerai Cristo Senhor em vossos corações, prontos sempre a responder a quem quer que seja sobre a razão da esperança que há em vós*» (1 Ped 3, 15). E todos afinal no-la pedem, mesmo quem pareça que não. Por experiência própria e comum, bem sabemos que é por Jesus que todos esperam. De facto, as expectativas mais profundas do mundo e as grandes certezas do Evangelho cruzam-se na irrecusável missão que nos compete, pois «sem Deus, o ser humano não sabe para onde ir e não consegue sequer compreender quem seja. Perante os enormes problemas do desenvolvimento dos povos, que quase nos levam ao desânimo e à rendição, vem em nosso auxílio a palavra do Senhor Jesus Cristo que nos torna cientes deste dado fundamental: “*Sem Mim, nada podeis fazer*” (Jo 15, 5), e encoraja: “*Eu estarei sempre convosco até ao fim do mundo*” (Mt 28, 20)» (Bento XVI, Enc. *Caritas in veritate*, 78).

Mas, se esta certeza nos consola e tranquiliza, não nos dispensa de ir ao encontro dos outros. Temos de vencer a tentação de nos limitarmos ao que ainda temos, ou julgamos ter, de nosso e seguro: seria morrer a prazo, enquanto presença de Igreja no mundo, que aliás só pode ser missionária, no movimento expansivo do Espírito. Desde as suas origens, o povo cristão advertiu com clareza a importância de comunicar a Boa Nova de Jesus a quantos ainda não a conheciam. Nestes últimos anos, alterou-se o quadro antropológico, cultural, social e religioso da humanidade; hoje a Igreja é chamada a enfrentar desafios novos e está pronta a dialogar com culturas e religiões diversas, procurando construir juntamente com cada pessoa de boa vontade a pacífica convivência dos povos. O campo da missão *ad gentes* apresenta-se hoje notavelmente alargado e não definível apenas segundo considerações geográficas; realmente aguardam por nós não apenas os povos não-cristãos e as terras distantes, mas também os âmbitos sócio-culturais e sobretudo os corações que são os verdadeiros destinatários da actividade missionária do povo de Deus.

Trata-se de um mandato cuja fiel realização «*deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte, de que Ele saiu vencedor pela sua ressurreição*» (Conc. Ecum. Vaticano II, Decr. *Ad gentes*, 5). Sim! Somos chamados a servir a humanidade do nosso tempo, confiando unicamente em Jesus, deixando-nos iluminar pela sua Palavra: «*Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi e destinei, para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça*» (Jo 15, 16). Quanto tempo perdido, quanto trabalho adiado, por inadvertência deste ponto! Tudo se define a partir de Cristo, quanto à origem e à eficácia da missão: a missão recebemo-la sempre de Cristo, que nos deu a conhecer o que ouviu a seu Pai, e somos nela investidos por meio do Espírito na Igreja. Como a própria Igreja, obra de Cristo e do seu Espírito, trata-se de renovar a face da terra a partir de Deus, sempre e só de Deus!

Queridos irmãos e amigos do Porto, levantai os olhos para Aquela que escolhestes como padroeira da cidade, Nossa Senhora de Vandoma. O Anjo da anunciação saudou Maria como «*cheia de graça*», significando com esta expressão que o seu coração e a sua vida estavam totalmente abertos a Deus e, por isso, completamente invadidos pela sua graça. Que Ela vos ajude a fazer de vós mesmos um «sim» livre

e pleno à graça de Deus, para poderdes ser renovados e renovar a humanidade pela luz e a alegria do Espírito Santo.



## O Papa Bento XVI fala da sua própria visita a Portugal

Queridos irmãos e irmãs:

Hoje, desejo percorrer junto convosco as diversas etapas da viagem apostólica que realizei nestes dias a Portugal, movido especialmente por um sentimento de reconhecimento a Nossa Senhora, que em Fátima transmitiu aos seus videntes e aos peregrinos um intenso amor pelo Sucessor de Pedro. Dou graças a Deus, que me deu a possibilidade de prestar homenagem a esse povo, à sua longa e gloriosa história de fé e de testemunho cristão. Portanto, como eu vos havia pedido que acompanhásseis esta minha visita pastoral com a oração, agora vos peço que vos unais a mim ao agradecer a Deus pelo seu feliz desenvolvimento e conclusão. A Ele confio os frutos que trouxe e trará à comunidade eclesial portuguesa e a toda a população. Renovo a expressão do meu vivo reconhecimento ao presidente da República, Sr. Aníbal Cavaco Silva, e às demais autoridades do Estado, que me acolheram com tanta cortesia e prepararam cada elemento para que tudo pudesse acontecer da melhor maneira possível. Com intenso afecto, recordo os irmãos bispos das dioceses portuguesas, a quem tive a alegria de abraçar em sua terra, e lhes agradeço fraternalmente por tudo o que fizeram pela preparação espiritual e organizativa da minha visita, além do notável empenho dedicado à sua realização. Dirijo um pensamento particular ao patriarca de Lisboa, cardeal José da Cruz Policarpo, ao bispo de Leiria-Fátima, Dom António Augusto dos Santos Marto, do Porto, Dom Manuel Macário do Nascimento Clemente, e aos seus respectivos colaboradores, como também aos diversos organismos da conferência episcopal guiada por Dom Jorge Ortiga.

Ao longo de toda a viagem, realizada por ocasião do décimo aniversário da beatificação dos pastorinhos Jacinta e Francisco, senti-me apoiado espiritualmente pelo meu amado antecessor, o venerável João Paulo II, que esteve por três vezes em Fátima, agradecendo esta "mão invisível" que o livrou da morte no atentado de 13 de Maio, aqui nesta Praça de São Pedro. Na tarde de minha chegada, celebrei a Santa Missa em Lisboa, no encantador cenário do Terreiro do Paço, que se eleva sobre o rio Tejo. Foi uma assembleia litúrgica de festa e de esperança, animada pela alegre participação de numerosos fiéis. Na capital, de onde partiram, no decorrer dos séculos, tantos missionários para levar o Evangelho a muitos continentes, encorajei os diversos integrantes da Igreja local a uma acção evangelizadora vigorosa nos diversos âmbitos da sociedade, para serem semeadores de esperança em um mundo marcado pela desconfiança. Particularmente, exortei os crentes a se tornarem anunciadores da morte e ressurreição de Cristo, coração do cristianismo, centro e fundamento de nossa fé e razão de nossa felicidade. Pude manifestar estes sentimentos, também, durante o encontro com os representantes do mundo da cultura, celebrado no Centro Cultural de Belém. Nesta ocasião, dei ênfase ao património de valores com os quais o cristianismo enriqueceu a cultura, a arte e a tradição do povo português. Nesta nobre terra, como em todos demais países marcados profundamente pelo cristianismo, é possível construir um futuro de compreensão fraternal e de colaboração com as demais instâncias culturais, abrindo-se reciprocamente para um diálogo sincero e respeitoso.

Dirigi-me, depois, para Fátima, pequena cidade caracterizada por uma atmosfera de misticismo autêntico, na qual se nota de maneira quase palpável a presença de Nossa Senhora. Eu me fiz peregrino com os peregrinos naquele santuário admirável, coração espiritual de Portugal e meta de uma multidão procedente dos lugares mais

diversos da Terra. Após ter permanecido recolhido em oração e emocionado na Capelinha das Aparições, em Cova da Iria, apresentando ao Coração da Virgem Santa as alegrias e as esperanças, além dos problemas e os sofrimentos do mundo inteiro, na Igreja da Santíssima Trindade tive a alegria de presidir a celebração das Vésperas da Devota Virgem Maria. Dentro deste templo grande e moderno, manifestei meu vivo apreço aos sacerdotes, aos religiosos, às religiosas, aos diáconos e aos seminaristas vindos de todas as partes de Portugal, agradecendo-lhes por seu testemunho silencioso, nem sempre fácil, e por sua fidelidade ao Evangelho e à Igreja. Neste Ano Sacerdotal que chega ao fim, encorajei os sacerdotes a darem prioridade à escuta da Palavra de Deus, ao conhecimento íntimo de Cristo, à intensa celebração da Eucaristia, tomando o exemplo luminoso do Cura d'Ars. Não deixei de confiar e consagrar ao Imaculado Coração de Maria, verdadeiro modelo de discípula do Senhor, os sacerdotes do mundo inteiro.

À noite, com milhares de pessoas que compareceram à grande esplanada do santuário, participei da sugestiva procissão das velas. Foi uma estupenda manifestação de fé em Deus e de devoção à sua Mãe, expressadas com a oração do Santo Rosário. Esta oração, tão querida pelo povo cristão, encontrou em Fátima um centro propulsor para toda a Igreja e o mundo. A "Branca Senhora", na aparição de 13 de Junho, disse aos Pastorinhos: "*Quero que rezem o terço diariamente*". Poderíamos dizer que Fátima e o Rosário são quase um sinónimo.

Minha visita a este lugar tão especial teve seu auge no Celebração Eucarística de 13 de Maio, aniversário da primeira aparição da Virgem a Francisco, Jacinta e Lúcia. Lembrando as palavras do profeta Isaías, convidei aquela imensa assembleia, recolhida aos pés da Virgem, com grande amor e devoção, a alegrar-se plenamente no Senhor, pois o seu amor misericordioso é a nascente da nossa esperança. E é precisamente de esperança que está profundamente impregnada a mensagem - exigente e ao mesmo tempo consoladora - que Nossa Senhora deixou em Fátima. É uma mensagem centrada na oração, na penitência e na conversão, que se projecta para além das ameaças, dos perigos e dos horrores da história, para convidar o homem a ter confiança na acção de Deus, a cultivar a grande esperança, a fazer a experiência da graça do Senhor para se enamorar dele, fonte de amor e de paz.

Nesta perspectiva, foi significativo o apaixonante encontro com as organizações da pastoral social, para as quais indiquei o estilo do bom samaritano para ir ao encontro das necessidades dos irmãos mais necessitados e servir a Cristo, promovendo o bem comum. Muitos jovens aprendem a importância da gratidão justamente em Fátima, que é uma escola de fé e de esperança, porque é, também, escola de caridade e de serviço aos irmãos. Neste contexto de fé e de oração, celebrou-se o importante e fraternal encontro com o episcopado português, como conclusão de minha visita a Fátima: foi um momento de intensa comunhão espiritual, no qual demos juntos graças ao Senhor pela fidelidade da Igreja que está em Portugal e confiamos à Virgem as esperanças e preocupações pastorais comuns. Também mencionei estas esperanças e perspectivas pastorais ao longo da Santa Missa, celebrada na histórica e simbólica cidade do Porto, a "Cidade da Virgem", última etapa de minha peregrinação a esta terra lusitana. À grande multidão de fiéis reunida na Avenida dos Aliados recordei o compromisso de testemunhar o Evangelho em todo lugar, oferecendo ao mundo o Cristo ressuscitado, para que cada situação de dificuldade, de sofrimento, de medo se transforme, por meio do Espírito Santo, em ocasião de crescimento e de vida.

Queridos irmãos e irmãs, a peregrinação a Portugal foi para mim uma experiência comovente e repleta de muitos dons espirituais. Enquanto permanecem fixas em

minha mente e em meu coração as imagens desta viagem inesquecível, o acolhimento caloroso e espontâneo, o entusiasmo das pessoas, louvo o Senhor porque Maria, aparecendo aos três pastorinhos, abriu no mundo um espaço privilegiado para encontrar a misericórdia divina que cura e salva. Em Fátima, a Virgem Santa convida todos a considerarem a terra como lugar da nossa peregrinação rumo à pátria definitiva, que é o céu. Na realidade, todos somos peregrinos, temos necessidade da Mãe que nos guia. "*Contigo caminhamos na esperança. Sabedoria e Missão*" era o lema da minha viagem apostólica a Portugal e, em Fátima, a bem-aventurada Virgem Maria convida-nos a caminhar com grande esperança, deixando-nos guiar pela "sapiência do alto", que se manifestou em Jesus, a sabedoria do amor, para levar ao mundo a luz e a alegria de Cristo. Portanto, eu vos convido a vos unirdes à minha oração, pedindo ao Senhor que abençoe os esforços daqueles que, nessa amada nação, se dedicam ao serviço do Evangelho e à busca do verdadeiro bem do homem, de cada homem. Oremos também para que, por intercessão de Maria Santíssima, o Espírito Santo faça frutificar esta viagem apostólica e encoraje em todo o mundo a missão da Igreja, instituída por Cristo para anunciar a todos os povos o Evangelho da verdade, da paz e do amor.